

ASPECTOS PSICOLÓGICOS DO AUTORITARISMO SEGUNDO ERICK FROMM E THEODOR ADORNO: UM ESTUDO FUNDAMENTAL PARA COMPREENSÃO DO DISCURSO ANTIDEMOCRÁTICO BRASILEIRO

CAMILA FARIA BERÇOT¹

¹ Mestranda em Sociologia Política. Bolsista do programa de pós-graduação da UENF – Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. Especialista em Gestão Pública Municipal pela UFF – Universidade Federal Fluminense. Graduada em Direito pela FASAP – Faculdade Santo Antônio de Pádua. E-mail: camilabercot.adv@pq.uenf.br

RESUMO

O presente ensaio pretende relacionar as obras de Fromm, “O medo à liberdade”, originalmente publicado em 1941, e de Adorno, “Estudos sobre a personalidade autoritária”, publicado em 1950, a fim de apontar a partir dessas fontes os aspectos que implicam na disposição de certos indivíduos ao autoritarismo; permitindo concluir que essas obras são de importância fundamental para compreensão de aspectos psicológicos do autoritarismo, representam diálogo entre os estudos em ciências sociais e psicologia, conversam com a atualidade, principalmente diante da identificação de uma simpatia, de parcela da sociedade pelo autoritarismo no Brasil contemporâneo. A metodologia será a revisão bibliográfica, iniciando com uma breve apresentação das obras para num, segundo momento, indicar os principais aspectos da personalidade autoritária, relacionando, por fim, com o recente surgimento de um discurso antidemocrático no Brasil.

Palavras-chave: Autoritarismo; Brasil; Erick Fromm; Theodor Adorno.

PSYCHOLOGICAL ASPECTS OF AUTHORITARISM ACCORDING TO ERICK FROMM AND THEODOR ADORNO: A FUNDAMENTAL STUDY TO UNDERSTAND THE BRAZILIAN ANTI-DEMOCRATIC DISCOURSE

ABSTRACT

The aim of this essay is to relate the works of Fromm, “Escape from freedom”, and Adorno, “The Authoritarian Personality”, published in 1941 and 1950, respectively, in order to understand and point out potential aspects that imply the disposition of individuals to the authoritarianism. It is noteworthy that these works are of fundamental importance for understanding the psychological elements of authoritarianism, represent a dialogue between studies in social sciences and psychology, speak to the present, mainly in view of the identification of a sympathy on the part of society for authoritarianism . in Brazil today. The methodology of this study will be: a literature review; a brief presentation of the works; indicate the main aspects of the authoritarian personality and, finally, relate it to the recent emergence of an anti-democratic discourse in Brazil.

Key-words: Authoritarianism; Brazil; Erick Fromm; Theodor Adorno.

1 INTRODUÇÃO

Erick Fromm é, sem dúvida, um dos maiores pensadores da modernidade. Sua vasta obra é de fundamental importância, tanto para o desenvolvimento da psiquiatria e psicologia contemporâneas quanto para a filosofia e as ciências sociais (MACIEL, 2020).

A obra “O medo à liberdade” foi originalmente publicado em 1941, durante a segunda guerra mundial, por isso a preocupação em analisar os aspectos psicológicos do nazismo.

O segundo texto, é de Theodor Adorno, também pertencente a escola de Frankfurt, o seu livro “Estudos sobre a Personalidade Autoritária”, publicado em 1950, é oriundo de uma pesquisa acerca do antissemitismo, em parceria com Levinson, Sanford e Frenkel Brunswick, docentes da Universidade da Califórnia, em Berkeley, nos anos 1944 a 1947.

As obras são fundamentais para o estudo do viés psicológico no surgimento do autoritarismo, buscando nas características humanas aqueles que oferecem uma base para entender as condições que favorecem uma tendência ao fascismo.

Na pesquisa realizada para este estudo, nos bancos de dados da Capes Periódicos, *Scielo* e *Google Scholar*, poucos foram os trabalhos encontrados que indicam a referida obra de Adorno sobre autoritarismo e um número ainda menor de trabalhos que tem como foco a obra de Erick Fromm, “O medo à liberdade”.

Neste trabalho, procurou-se analisar principalmente as obras “O medo à liberdade”, de Erick Fromm, e o “Estudos sobre a personalidade autoritária”, Theodor Adorno. Este estudo foi realizado a partir de levantamento bibliográfico, nos portais eletrônicos de periódicos, bem como livros e artigos que partissem destes teóricos e abordassem o autoritarismo, caráter autoritário ou personalidade autoritária, ou ainda, o discurso antidemocrático do Brasil contemporâneo.

O presente ensaio iniciará com a apresentação dos autores e suas obras, num segundo momento, o trabalho apontará, a partir dessas fontes os aspectos que implicam na disposição de certos indivíduos ao autoritarismo; enfim a relação com o Brasil contemporâneo, para poder concluir pela relevância de resgatar a obra e a pesquisa desses pensadores, promover a união entre as áreas de ciências sociais e psicologia, bem como a atualidade de suas obras, principalmente diante de evidências de um discurso autoritário no Brasil contemporâneo.

2 UM BREVE CONTEXTO

Nesta seção, será apresentada a Escola de origem dos autores e as duas obras principais e fundadoras do estudo da personalidade autoritária, momento de surgimento e

desenvolvimento dessas obras, seu importante papel de mesclar os campos de psicologia e da sociologia.

Em 1923, deu-se início a construção do edifício que abrigaria um instituto de ciências sociais vinculado à Universidade de Frankfurt, o Instituto de Pesquisas Sociais, que passaria a ser o ponto de convergência de um grupo de pensadores nascidos na virada do século XIX para o XX. (MOGENDORFF, 2012)

Os pesquisadores eram, basicamente, Theodor W. Adorno (1903-1969), Max Horkheimer (1895-1973), Erich Fromm (1900-1980) e Herbert Marcuse (1898-1979). Além deles, outros intelectuais viram suas obras serem ligadas posteriormente à Escola de Frankfurt, como Walter Benjamin (1892-1940) e Siegfried Kracauer (1889-1966). (MOGENDORFF, 2012).

Há inúmeros artigos e livros de frankfurtianos sobre a questão do fascismo, escritos especialmente por Adorno, Horkheimer, Lowenthal e Guterman, durante o exílio norte-americano, dos anos 30 aos 50 (CARONE, 2012). A partir das obras de Marx e Freud, além de Hegel, Kant, Lukács, criou-se a “Teoria Crítica da sociedade”.

Assim, por terem feito parte da escola cuja finalidade era propor teorias a partir da obra de Marxs, Erick Fromm e Theodor Adorno são situados como teóricos freudo-marxistas, mas, no entender de Rüdiger *apud* Mogendorff, (2012, p. 152), o “projeto teórico inicial de cunho fortemente marxista deu lugar a um projeto filosófico e político único, ao propor uma teoria crítica que fosse capaz de apreender a sociedade do início do século XX.”

Segundo Viana (2002), Erich Fromm iniciou sua carreira de psicanalista na Alemanha. Ele foi um dos fundadores do Instituto de Pesquisa de Frankfurt; mas, foi no período de ascensão do nazismo e sua ida para os Estados Unidos que ele começou a produzir suas grandes obras, dentre as quais, “O Medo à Liberdade”, “Análise do Homem” e “Psicanálise da Sociedade Contemporânea”.

Para Maciel (2020), Fromm procurou condensar psicanálise e sociologia, reproduzindo uma das marcas centrais da primeira geração de Frankfurt; para o autor, separação acadêmica existente entre essas disciplinas impede a realização de análises mais amplas, ressaltando a importância de uma maior aproximação entre as duas disciplinas.

Os teóricos da primeira geração procuraram explicar a ascensão do nazismo em um contexto no qual a obediência acrítica em relação aos extratos superiores possuía uma conexão estrutural em relação aos grupos mais passíveis de estigmatização (SOUZA, 2019).

A obra de Fromm, “O medo à liberdade”, foi originalmente publicada em 1941, durante a segunda guerra mundial. Portanto, o regime nazista passa a ser o principal objeto de interesse,

com atenção ao componente humano no contexto de um regime totalitário. Para Lima et al. (2020), foi Fromm quem primeiro notou a relação entre o nazismo e o autoritarismo.

Em “O Medo à liberdade”, Fromm esteve preocupado, assim como outros teóricos da primeira geração de Frankfurt, em compreender a “psicologia do nazismo” (MACIEL, 2020). No livro publicado em 1941 no exterior e, em 1983, no Brasil, o psicanalista judeu emigrado para os EUA propôs que o homem, quanto mais ganha em liberdade, mais perde em segurança (LIMA et al. 2020), conforme será melhor apresentado na seção seguinte.

Theodor Adorno, também pertencente a escola de Frankfurt, no seu livro “Estudos sobre a Personalidade Autoritária”, publicado em 1950, procurou, a partir de pesquisa empírica, desenvolver um método para medir os níveis de internalização de preconceitos (pensando a partir do antissemitismo) e da ideologia totalitária, típicos da personalidade autoritária (MACIEL, 2020).

O livro escrito em parceria com Levinson, Sanford e Frenkel Brunswick, docentes da Universidade da Califórnia, em Berkeley, teve os dados colhidos entre os anos 1944 a 1947.

Para Lima et. al (2020), a publicação de Theodor Adorno e colegas de “Estudos sobre a personalidade autoritária” foi seminal, tornou-se o principal instrumento para mensuração de personalidades autoritárias, com uso da chamada de escala F (Fascismo).

Adorno e demais autores da obra não estavam se referindo ao fascismo de Estado, mas, se debruçaram sobre os traços fascistas ou sobre a mentalidade fascista presentes, de forma visível ou subterrânea, nas sociedades modernas democráticas, tal como os Estados Unidos da América do Norte. (CARONE, 2012)

Adorno e colaboradores procuraram avaliar o preconceito etnocêntrico e mensurar as disposições a concepções autoritárias de uma personalidade potencialmente fascista (LIMA et al. 2020), enquanto Fromm verificou aspectos psicológicos do nazismo.

Ambas as obras são fundamentais para compreender que o autoritarismo, para que se instaure, necessita de uma certa adesão social, não sendo fruto do uso exclusivo da força bruta do estado ou oriundo exclusivamente da mera crise econômica e democrática, conforme será melhor explanado a seguir.

3 A “PSICOLOGIA DO NAZISMO” DE FROMM E A PERSONALIDADE AUTORITÁRIA DE ADORNO

Essa seção objetiva aprofundar um pouco mais os aspectos da “Psicologia do Nazismo” de Fromm, o produto de sua obra e relação com a personalidade autoritária de Adorno, ressaltar

a importância de resgatar essas obras fundamentais na interpretação dos indícios de discurso autoritário no Brasil contemporâneo.

Na obra “O medo à liberdade”, a proposta de Fromm é analisar fatores da estrutura de caráter do homem moderno que o levaram a querer desistir da liberdade nos países fascistas.

Em países nos quais o fascismo emergiu, Fromm identificou a relevância de analisar os indivíduos que o apoiavam abertamente ou veladamente, buscou relacionar o medo da liberdade e uma propensão ao autoritarismo, sem dissociar dos fatores ideológicos, sociais e econômicos que constroem a esse indivíduo e refletem nessa propensão.

Outras questões são levantadas por ele, o que é a liberdade, como o homem moderno a compreende e, fundamentalmente, o papel que os fatores psicológicos desempenham como forças ativas no processo social e o problema da interação dos fatores psicológicos, econômicos e ideológicos no processo social. (FROMM, 1974)

Então, mais especificamente no capítulo VI de sua obra “Psicologia do Nazismo”, Fromm observa que o Nazismo teria tomado certa anuência social na Alemanha a partir de fatores sociais, econômicos, e, também, psicológicos.

Observou a base humana do nazismo, a estrutura do caráter das pessoas a quem ele atraiu e as características psicológicas da ideologia que transformaram o nazismo em instrumento tão eficaz em relação a essas pessoas. Como algumas pessoas curvaram-se sem resistência e outras foram profundamente atraídas pela ideologia nazista. (FROMM, 1974)

Assim, Fromm (1974) entendeu que não foram exclusivamente os fatores econômicos e políticos capazes de levar ao surgimento do Nazismo na Alemanha, em suas palavras

O nazismo é um problema psicológico, mas, os próprios fatores psicológicos têm de ser interpretados como sendo moldados por fatores socioeconômicos; o nazismo é um problema econômico e políticos, porém o fascínio por ele exercido sobre um povo inteiro tem de ser interpretado em bases psicológicas. (FROMM, 1974, p. 167)

Portanto, o que teria arrebatado os indivíduos foram questões de cunho psicológicos, porém, que são desenvolvidos a partir de fatores sociais e econômicos.

Na obra de Adorno, a preocupação se volta para identificar na América uma possibilidade de aderência a uma propaganda fascista. A questão pretende verificar se isso poderia ocorrer mesmo em uma nação democrática, para isso, ele e sua equipe fizeram um extenso estudo que envolveu entrevistas e *survey* para obter os resultados.

Em sua teoria sobre a personalidade, ele vai ressaltar a importância desses fatores sociais e econômicos na formação da personalidade, com reflexo desses mesmos fatores nos pais e na criação do indivíduo no seio familiar; segundo Adorno (2019, p. 80), “a personalidade

se desenvolve sob o impacto do ambiente social e nunca pode ser isolada da totalidade social dentro da qual ela existe”. Assim, a personalidade é também um produto do ambiente social do passado, modificável, mas, é normalmente muito resistente a mudanças fundamentais. (ADORNO, 2019)

Na psicologia do nazismo, Fromm vai estabelecer ainda tendências fundamentais do caráter autoritário como: a sede de poder sobre os outros homens e a ânsia de submeter-se a um poder exterior irresistivelmente forte (FROMM, 1974). Ele enfrenta principalmente “o problema do caráter autoritário, como no caso do sadismo e do masoquismo” (MACIEL, 2020, p. 264).

Portanto, Fromm estabeleceu as principais características da personalidade autoritária, quais sejam, submissão e agressividade. Nesse sentido, Crochík (*apud* Lima et. al, 2020, p. 34) dirá que “o autoritarismo se refere a um conjunto de crenças, sentimentos e atitudes antidemocráticas e preconceituosas, relacionadas à submissão e agressividade autoritária e à defesa de valores e instituições convencionais ou conservadores”.

Para Fromm, o autoritarismo no indivíduo é um mecanismo de fuga, conceitua como a tendência a renunciar a independência do próprio ego individual e fundi-lo com alguém ou algo no mundo exterior a fim de adquirir a força de que o ego individual carece. (FROMM, 1974)

Observando com mais atenção o capítulo referente a psicologia do nazismo, ele elenca algumas condições que conduziram ao desenvolvimento dele na Alemanha, como a inflação, a derrota na guerra e implicações na esfera das unidades familiares, ele apresenta também uma narrativa do momento histórico e os sentimentos por ela provocados, conduzindo a seguinte análise: a “vasta maioria da população estava tomada pelo sentimento de insignificância e impotência individual que descrevemos como típico do capitalismo monopolista em geral”. (FROMM, 1974, p. 174)

Ainda para Fromm, a presença mais forte, maior receptividade e, portanto, a base para a instauração do autoritarismo estava na antiga classe média, ressentida, e que viu no nazismo um lugar para direcionar seu ódio, usurpando cargos de judeus e deleitando-se na sensação de superioridade frente ao restante da humanidade. (FROMM, 1974)

Ao mesmo tempo que o nazismo serviu ao Imperialismo nacionalista, atendia aos industriais alemães, nas palavras de Fromm (1974, p. 176), “o nazismo nunca teve quaisquer princípios políticos ou econômicos genuínos [...] o princípio mesmo do nazismo é seu oportunismo radical”.

A contradição na ideologia nazista é também encontrada nos indivíduos, que escolhem dentro das ideologias existentes, as características que melhor servem ao seu propósito, no

caso, ao propósito da elite e seus interesses econômicos, que se utilizaram da contundente ferramenta de manipulação da massa para desenvolvimento dos seus anseios.

Nessa linha, para Adorno (2019), a instauração do autoritarismo (propaganda autoritária) depende, em primeiro lugar, da situação dos interesses econômicos mais poderosos e que se verifica no seguinte trecho:

Parece hoje bem entendido que depende, em primeiro lugar, da situação dos interesses econômicos mais poderosos se a propaganda antidemocrática deverá ou não se tornar uma força dominante neste país – se eles farão uso, de forma consciente ou não, desse dispositivo a fim de manter seu status dominante. (ADORNO, 2019, p. 83)

Assim, a democracia não foi suficiente para rejeitar o surgimento do autoritarismo, pois, com apoio da massa formada pelo indivíduo insatisfeito, resignado e cansado da democracia moderna, acumulando ainda os sentimentos de perda da classe operária alemã, e, posteriormente, um medo do isolamento e a propaganda massiva, que levou os remanescentes a se unirem ao nazismo. A perda de prestígio social da baixa classe média, a mágoa dos camponeses para com os urbanos, formaram o caldo humano que possibilitou a instauração de um sistema autoritário.

No entender de Adorno (2019, p. 88),

(...) o fascismo, a fim de ser bem-sucedido como um movimento político, precisa ter uma massa como base. Ele precisa assegurar não apenas a submissão temerosa, mas a cooperação ativa da grande maioria das pessoas. Uma vez que, por sua natureza mesma, ele favorece poucos à custa de muitos, não tem como demonstrar que irá melhorar a situação da maioria das pessoas a ponto de seus interesses serem atendidos. Ele precisa, portanto, fazer apelo, acima de tudo, não ao autointeresse racional, mas às necessidades emocionais – frequentemente aos medos e desejos mais primitivos e irracionais.

Há, portanto, na necessidade de mobilização da massa, de convencer, no íntimo, os indivíduos que serão profundamente afetados pelos impactos de um regime fascista.

A forte identificação dos indivíduos com o autoritarismo, será apontada por Fromm como uma necessidade do eu de encontrar segurança, traduzindo-se no seu medo à liberdade, como será visto, por fim, ele vai identificar no medo a raiz desse anseio totalitário, a necessidade de ser conduzido por um líder forte.

Esse argumento é fundamentado também na ideia principal do livro, de que o capitalismo moderno promoveu um medo à liberdade. Ele

(...) demonstra que os movimentos totalitários apelavam para o anseio de fugir à liberdade conquistada na modernidade na qual o indivíduo, liberto das amarras medievais, não estava em liberdade para construir uma vida significativa baseada na razão e no amor, procurando, por isso, a segurança na submissão a um líder, uma raça ou um Estado (MACIEL, 2020, p. 264)

Assim, Fromm tenta explicar que o medo da liberdade é um dos principais problemas do mundo capitalista, que criou possibilidades infinitas, capacidade de ter tudo, mas, ainda assim, promove um sentimento de solidão e de isolamento.

Ainda segundo Maciel (2020), em sua ruptura com o pensamento freudiano, Fromm sedimenta sua percepção de que a “psicologia do nazismo” explica-se pela necessidade que o indivíduo moderno tem de fugir de suas possibilidades de liberdade, e continua, por “um lado, a liberdade moderna proporcionou independência e racionalidade, quando permitiu ao indivíduo romper com os grilhões da sociedade pré-individualista. Por outro, fez com que ele se sentisse sozinho, angustiado e impotente.” (MACIEL, 2020, p. 285)

Assim, define Fromm, a ambiguidade da liberdade dos modernos. Nessa direção, ele teria sugerido que o autoritarismo é resultado da solidão como fruto do individualismo moderno. (MACIEL, 2020)

Cada indivíduo com tendência ao autoritarismo padece dos problemas acarretados pela modernidade, solidão, individualismo, opressão do capitalismo, ilusão do sucesso profissional a partir do próprio mérito que tem promovido condições indignas de trabalho, sua personalidade é afetada, portanto, pelo ambiente, pelo medo da violência, crise econômica, instabilidade política.

Para Maciel (2020), também Adorno se debruçou sobre o tema do fascismo e a questão da autoridade, em ensaios emblemáticos como Antissemitismo e propaganda fascista, em seu clássico Estudos sobre a personalidade autoritária, de 1950, no qual procurou, a partir de pesquisa empírica, desenvolver um método para medir os níveis de internalização de preconceitos (pensando a partir do antissemitismo) e da ideologia totalitária, típicos da personalidade autoritária. (MACIEL, 2020).

Nesta obra, Adorno procurou verificar por que certos indivíduos aceitam essas ideias enquanto outros não as aceitam? Assim como Fromm (1974) o estudo procurava os aspectos psicológicos que tenderiam a adesão ao autoritarismo.

Adorno procurou descrever o indivíduo potencialmente fascista cuja estrutura da personalidade o coloca propenso a propaganda antidemocrática. No entender de Adorno e seus pesquisadores, o Antissemitismo era um aspecto de uma ideologia mais complexa caracterizada pelo conservadorismo político-econômico, uma visão etnocêntrica e de modo mais geral, uma estrutura autoritária da personalidade. (STOPINNO, 1991)

As seguintes hipóteses orientaram a pesquisa de Adorno: “supôs-se que (1) o antissemitismo provavelmente não é um fenômeno específico ou isolado, mas parte de um

quadro ideológico mais amplo¹, e que (2) a suscetibilidade de um indivíduo a essa ideologia depende primeiramente de suas necessidades psicológicas.” (ADORNO, 2019, p. 74)

No trabalho de Adorno, a personalidade autoritária possui um conjunto de traços característicos inter-relacionados, dos quais são cruciais a submissão e a agressão, mas também, outros indicadores relevantes, a aguda sensibilidade pelo poder, a rigidez e o conformismo. (STOPINNO, 1991)

Na breve exposição de Stopinno (1991), temos um interessante apanhado geral, segundo ele,

A personalidade autoritária tende a pensar em termos de poder, a reagir com grande intensidade a todos os aspectos da realidade que tocam, efetivamente ou na imaginação, as relações de domínio. É intolerante para com a ambiguidade, refugia-se numa ordem estruturada de modo elementar e inflexível e faz um uso marcado de estereótipos tanto no pensamento quanto no comportamento. É particularmente sensível em relação a influência de forças externas e tende a aceitar supinamente todos os valores convencionais do grupo social a que pertence (STOPINNO, 1991, p. 98)

As hipóteses foram bem-sucedidas e, ao final da pesquisa, concebeu-se, entre outros resultados, a chamada “Escala F”, que elencou 9 indicadores, para medir a personalidade potencialmente antidemocrática das pessoas pesquisadas, são as características: 1) Convencionalismo, “Adesão rígida a valores convencionais”; 2) Submissão autoritária, “Atitude submissa, acrítica a autoridades morais idealizadas do ingroup”; 3) Agressividade autoritária, “Tendência a vigiar e condenar, rejeitar e punir, em nome do patriotismo, pessoas que violam os valores convencionais”; 4) Anti-intracção, “Oposição ao subjetivo, ao imaginativo, a um espírito compassivo”; 5) Superstição e estereotipia, “A crença em determinantes místicos do destino individual; a disposição a pensar por meio de categorias rígidas”; 6) Poder e “dureza”, “Preocupação com a dimensão de dominação submissão, forte-fraco, líder-seguidor; 7) Destrutividade e cinismo, “Hostilidade generalizada, desprezo pelo humano”; 8) Projetividade, “A disposição para acreditar que coisas tresloucadas e perigosas acontecem no mundo; a projeção para fora de impulsos emocionais inconscientes”; 9) Sexo, “Preocupação exagerada com “eventos” sexuais” (ADORNO *apud* PUCCI, 2020)

Para Carone (2012), os primeiros traços são do caráter do sujeito que se submete incondicionalmente à autoridade (masoquismo) e descarrega a agressividade nos grupos de contra-identificação (sadismo). A anti-intracção é a dificuldade do sujeito entrar em contato com a sua vida psicológica e desvalorizar sentimentos, emoções, ternura, sensibilidade, como

¹ Para Adorno o termo “ideologia” servia para representar uma organização de opiniões, atitudes e valores – um modo de pensar sobre o homem e a sociedade. É possível tanto uma ideologia total do indivíduo ou de sua ideologia a respeito de diferentes áreas da vida social: política, economia, religião, grupos de minorias e assim por diante. (ADORNO, 2019)

se fosse, por isso, muito racional. Daí também decorre a sua valorização do poder e da dureza (quem é duro consigo mesmo, também o é com os demais); a projetividade é resultado de pulsões proibidas e negadas pelo sujeito que, no entanto, são exteriorizadas pela atribuição a outrem; a preocupação com o comportamento sexual das pessoas decorre tanto do sadomasoquismo como da projetividade, como se os outros realizassem as “sujeiras” que gostariam mas estão impedidos de realizar etc.

Não é objetivo deste artigo adentrar os pormenores da escala F, mas somente demonstrar a grandiosidade do estudo realizado por Adorno e sua relevância, sendo reconhecido como primeira e principal referência nas pesquisas posteriores sobre o tema por apresentar uma forma de mensurar o grau de autoritarismo prevalecente na população (LIMA et al., 2020).

Através desses indicadores, pode-se notar que, assim como em Fromm (1974), estão presentes neste indivíduo a submissão e a agressividade autoritária, poder e dureza, hostilidade, dentre outras características que são percebidas nos indivíduos com tendência ao fascismo.

Importante observar que a metodologia desenvolvida por Adorno (2019) foi criticada por outros pesquisadores ao longo dos anos, que a modificaram e a adaptaram, promoveram estudos significativos a partir dela.

Os elementos centrais da presente análise consistem na identificação de estudos psicológicos e sociais sobre tendências autoritárias. A existência de uma parcela da sociedade que padece que inclinação para ideias fascistas e que, no entender desses estudiosos, essa personalidade precisa ser estudada a fim de prevenir eventos autoritários e fortalecer a democracia.

Para os pesquisadores, o referido estudo da personalidade autoritária promoveria, assim, o conhecimento sobre a natureza e a abrangência dos potenciais antidemocráticos podendo indicar programas para a ação democrática. (ADORNO, 2019).

A partir dessa construção, é difícil não associar as condições políticas, econômicas e sociais que causaram a emergência do fascismo, com a situação brasileira atual, principalmente a partir da eleição do atual presidente da República.

O Brasil passou por regimes autoritários nos anos 1930 a 1945 e pela ditadura militar entre 1964 a 1985. Posteriormente, no período de redemocratização, a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 estabeleceu os limites a atuação do Estado e fixou as garantias para a ordem democrática.

Todavia, passados 30 anos da promulgação da Constituição Federal de 1988, surgiram diversos sinais que indicam o fortalecimento de narrativas conservadoras e autoritárias na vida política brasileira (LIMA et. al, 2020).

De acordo com Lima et. al (2020), o autoritarismo é uma tendência presente na sociedade que impacta nos modos de agir dos indivíduos. No Brasil, propagandas e discursos reconhecidamente antidemocráticos têm permeado o cotidiano nacional e representações sociais tem mostrado adesão. Para Cerasoli (*apud* PUCCI, 2020) a segunda década do século XXI no Brasil foi marcada por um conjunto de expressões reacionárias de ordem político-cultural que ainda se fazem presentes e atuantes.

Segundo Souza (2019), em 2017, com o governo Michel Temer, o Brasil passou para uma política voltada a elite, com isso as consequências foram o empobrecimento da população e o alto desemprego. Foi um período de venda das riquezas nacionais através de privatizações, além da já instalada crise política desencadeada com imenso apoio da grande mídia com a criação de um “bode expiatório” para a corrupção política. A pobreza e a miséria cresceram, pela 1ª vez em décadas, o Brasil viu aumentar a mortalidade infantil. No entender de Lima et. al (2020), após trinta anos, verificou-se a fragilidade das instituições construídas e fortaleceu-se a vertente autoritária em certos segmentos da sociedade.

Na visão de Souza (2020), com esse contexto socioeconômico, transcorreu a eleição de 2018 dominada por *fake news* que serviram para direcionar votos ao candidato Jair Bolsonaro, um candidato com pregação fascista, mas que servia a elite. Sua única alternativa já que os seus candidatos oficiais haviam fracassado.

Nesta mesma linha Jessé de Souza (2019) completa, ao explicar que a base do fascismo é a manipulação de emoções que geram agressividade, como medo, raiva, ressentimento e ansiedade sem direção, sempre com fins de manipulação política. A incompreensão racional por parte da população, de processos políticos complexos, passa a ser utilizada para a construção de bodes expiatórios, um modo historicamente eficiente de canalizar a frustração e ressentimentos sociais. A marginalização de grupos minoritários e a violência aberta e disseminada, contaminando a sociedade como um todo, são as consequências inevitáveis de todo fascismo.

A ascensão do discurso fascista no Brasil não pode ser dissociada do contexto de crise econômica e política, a qual para Jessé de Souza (2019) foi desenhada para favorecer a elite econômica. Portanto, é neste cenário que as falas reconhecidamente fascistas do presidente eleito em 2018, Jair Bolsonaro, passaram a ordem do dia.

Segundo Jessé de Souza (2019), a não participação de Lula nas eleições de 2018 representa a porta para a irracionalidade e ascensão do líder com pregação abertamente fascista, defensor da ditadura militar, do racismo, da tortura e do assassinato de opositores como arma política.

Uma pesquisa realizada por Pucci (2020), trouxe uma aplicação dos nove elementos da escala F de Adorno. Ele relacionou declarações e atos do Presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, e de seus apoiadores, demonstrando as atitudes que condizem com os indicadores usados por Adorno (2019) para concluir pela personalidade autoritária. Segundo Pucci (2020), as manifestações do Presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro, não foram apenas indícios de um “potencial autoritário latente” e sim “manifestações explícitas de uma personalidade autoritária”.

Com base no levantamento feito por Pucci (2020), desenvolveu-se a tabela que resume apenas com o objetivo de exemplificar as falas do Presidente Bolsonaro que, segundo este autor correspondem aos nove indicadores da escala “F” de Adorno (2019).

QUADRO 1 – Discurso e fontes usadas por Pucci (2020)

Indicador	Discurso	Fonte usada por Pucci (2020)
1 Convencionalismo	“Segundo o presidente “o envio de médicos cubanos ao Brasil durante o governo petista de Dilma Rousseff tinha o objetivo de "formar núcleos de guerrilha" e avaliou que se a medicina em Cuba fosse tão boa teria salvado a vida do finado presidente venezuelano Hugo Chávez” (PUCCI, 2020).	In: https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2019/08/01/interna_internacional,1074176/bolsonaro-diz-que-medicos-cubanos-queriam-implantar-guerrilha-no-brasi.shtml
2 Submissão autoritária	Pucci (2020) refere-se ao momento em 2016, no qual Jair Bolsonaro parabenizou o deputado Eduardo Cunha pela forma como conduziu o impeachment da presidenta Dilma Rousseff e usou seu discurso de voto para homenagear Carlos Alberto Brilhante Ustra, reconhecido judicialmente por ser torturador durante a ditadura militar.	In: https://extra.globo.com/noticias/brasil/coronel-ustra-homenageado-por-bolsonaro-como-pavor-de-dilma-rousseff-era-um-dos-mais-temidos-da-ditadura-19112449.html
3 Agressividade autoritária	Pucci (2020) Bolsonaro defende a ditadura militar brasileira com frequência. Ele já chegou a afirmar, durante uma discussão com manifestantes em dezembro de 2008, que "o erro da ditadura foi torturar e não matar". Ele foi criticado pelos	In: https://brasilpagina1.wordpress.com/2009/06/27/jair-bolsonaro-sobre-os-mortos-do-araguaia-quem-procura-osso-e-cachorro/

	meios de comunicação, por políticos e pelo Grupo Tortura Nunca Mais, sobretudo depois de ter afixado na porta de seu escritório um cartaz que dizia aos familiares dos desaparecidos da ditadura militar que "quem procura osso é cachorro".	
4 Anti-intracção	Segundo Pucci (2020, p.8), ela "se mostra como uma atitude de impaciência ao subjetivo, ao espírito compassivo e pode caracterizar um eu fraco. O anti-intracção é contra a intromissão naquilo que as pessoas pensam e sentem; procura se manter sempre ocupado, dedicando-se à "coisas práticas", Pucci (2020) ressalta ainda o descaso do presidente para com as vítimas e familiares das vítimas de Covid-19.	In: https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/04/29/e-dai-de-bolsonaro-nao-e-primeira-reacao-de-desdem-as-mortes-de-brasileiros-por-covid-19.ghtml
5 Superstição e estereotipia	Segundo Pucci (2020), em uma entrevista de 2011, Bolsonaro afirmou: "Seria incapaz de amar um filho homossexual. Não vou dar uma de hipócrita aqui, prefiro que um filho meu morra num acidente do que apareça com um bigodudo por aí. Para mim ele vai ter morrido mesmo."	In: https://www.terra.com.br/noticias/brasil/bolsonaro-prefiro-filho-morto-em-acidente-a-um-homossexual,cf89cc00a90ea310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html
6 Poder e "dureza"	Segundo Pucci (2020), Bolsonaro já em sua Proposta Eleitoral de Política Externa elogiava o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump. Acenava com uma maior aproximação com os Estados Unidos.	In: https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2018-10/veja-propostas-de-bolsonaro-e-haddad-para-politica-externa
7 Destrutividade e cinismo	Segundo Pucci (2020), durante uma entrevista ao Jornal Opção, de Goiás, disse Bolsonaro: "Não sei qual é a adesão dos comandantes, mas, caso venham reduzir o efetivo das Forças Armadas é menos gente nas ruas para fazer frente aos marginais do MST, dos haitianos, senegaleses, bolivianos e tudo que é escória do mundo que, agora, está chegando, os sírios também. A escória do mundo está chegando ao Brasil como se nós não tivéssemos problema demais para resolver".	In: https://exame.abril.com.br/brasil/bolsonaro-chama-refugiados-de-escoria-do-mundo/
8 Projetividade	Pucci (2020) apontou a referência do Presidente com relação a filha, "Eu	In: https://exame.abril.com.br/br

	tenho cinco filhos. Foram quatro homens, aí no quinto eu dei uma fraquejada e veio uma mulher". A fala gerou uma repercussão negativa nas redes sociais, sobretudo do público feminino, que considerou suas palavras machistas e misóginas.	asil/piada-de-bolsonaro-sobre-sua-filha-gera-revolta-nas-redes-sociais/
9 Sexo	Para Pucci (2020), ele já fez declarações controversas sobre homossexuais, no entanto, desde que começou a se apresentar como pré-candidato à Presidência do Brasil, passou a adotar um discurso mais moderado em relação aos LGBTs e a dizer que não tem nada contra os homossexuais, mas que combate apenas o que chama de "kit gay" nas escolas.	In: http://noticias.terra.com.br/brasil/politica/bolsonaro-sobre-casamento-gay-nao-querem-igualdade-e-sim-privilegios,99ff52d635aae310VgnVCM4000009bcceb0aRCRD.html

Fonte: Elaborado pelo autor com base no trabalho de Pucci (2020).

O presente quadro busca apenas trazer a luz as falas que segundo Pucci (2020) caracterizam o viés fascista do atual governante, mas, não tem como objetivo aplicar a metodologia de Adorno (2019), apenas enfatizar o alerta para com as propagandas antidemocráticas e a necessidade de estudar juntamente com os aspectos psicológicos dos indivíduos que tendem a concordar e a apoiar o autoritarismo.

Uma aplicação da escala F no Brasil, em 2017, encontrou resultado alarmante. A pesquisa de Lima et. al (2020) foi adaptada ao Brasil, considerando ainda as críticas realizadas ao longo dos anos por outros autores acerca da metodologia utilizada por Adorno em sua coleta de dados. Lima et. al (2020) encontraram um patamar de adesão a posições autoritárias, dimensionado em um nível de 8,1 em uma escala com máximo de 10.

Nas palavras dos Autores,

(...) a forte adesão às posições autoritárias medidas pela escala F adaptada à realidade brasileira está fortemente correlacionada com um fator que devemos considerar chave na determinação dos movimentos das representações sociais sobre democracia e autoritarismo no Brasil: o medo da violência, que tem sido eficazmente explorado pelos porta-vozes da extrema direita política (...), é traduzido como fruto da “frouxidão” das leis penais e da “imposição” de uma agenda “globalista” e “esquerdista” de direitos humanos e sociais. (...) Por trás desse engenhoso processo comunicacional, em muito repostado pelas novas linguagens das redes sociais, o autoritarismo é retroalimentado como referência para o sentido das relações sociais da nossa sociedade. (LIMA et. al, 2020, p. 55-56)

Nesse trecho, fica evidenciado o uso de uma propaganda com viés autoritário utilizada pela direita brasileira, e os autores cunham no medo da violência a principal causa.

(...) todo esse processo deriva do medo da violência, que, por sua vez, nunca foi moral ou politicamente interdita pelas políticas públicas brasileiras e é a principal chave explicativa para o novo ciclo de (retro)adesão a valores autoritários.” (LIMA et. al, 2020, p. 55-56)

A pesquisa surpreende ainda mais, quando revela que há adeptos ao discurso autoritário entre jovens, velhos, pobres, classe média e ricos e também entre mulheres e outras minorias. O grupo com menor incidência encontrado foi nos pós-graduados.

Os resultados da pesquisa mostram que, felizmente, a adesão ao autoritarismo parece ceder parcialmente à escolarização. Parcialmente, pois a adesão é significativamente mais baixa só entre aqueles com pós-graduação. (LIMA et. al, 2020, p. 52)

Portanto, uma saída de grande importância é a educação como fator para desconstituir tais condições, foi o que identificou a pesquisa de Lima et. al (2020).

No atual cenário brasileiro, não se pode deixar de observar como o uso de discurso autoritários vem ocorrendo e encontrando reflexo na massa, por tais motivos as contribuições de Fromm e Adorno acerca dos aspectos psicológicos do fascismo são tão importantes e atuais.

4 CONCLUSÃO

Após o estudo desses textos, não é difícil constatar a sombra do autoritarismo sobre o Brasil, principalmente neste momento, tendo o presidente como o principal representante de uma propaganda autoritária, como em Pucci (2020), cujo discurso encontrou eco em parte considerável da população.

Uma crise democrática e diversos fatores econômicos e sociais não faltaram no país para subsidiar o surgimento de um sentimento de insatisfação nas camadas sociais diversas, fatores estes que impactaram os indivíduos, permitindo concluir que esse sentimento levou parte das pessoas a identificarem-se com uma retórica distorcida e autoritária. Essa massa composta possivelmente por indivíduos com inclinação para o fascismo é preocupante.

A massa que Fromm (1974) e Adorno (2019) identificam como necessárias para instalação de um sistema autoritário precisa desse sentimento, uma prontidão potencial para o autoritarismo, que, como se viu, compreende a fatores psicológicos que, de nenhuma forma, estão dissociados da realidade (fatores econômicos e sociais), mas, surge com ela, com a insegurança, da ideologia do neoliberalismo que oprime os indivíduos a condições desumanas e indignas de trabalho, em busca de satisfação material para cobrir o vazio existencial, com o medo da liberdade e com a solidão da modernidade.

Por fim, Fromm (1974) e Adorno (2019) compreendem ainda que a instauração desse sistema autoritário dependerá de interesses econômicos (da elite), que, na conjuntura, poderá

tirar proveito e/ou promover a instauração deste para que possa manter seus privilégios e/ou alcançar seus objetivos.

Esses Autores fixaram características importantes da personalidade autoritária, essa propensão dos indivíduos a um discurso ou propaganda autoritária, Adorno (2019), em seu estudo, tinha especial preocupação identificar o fascista em potencial, pois com isso, poderia buscar maneira de evitar que esses indivíduos viessem a ser conduzidos por um discurso autoritário, tal como havia presenciado com o nazismo na Alemanha, cujas condições foram expostas por Fromm (1974) em “O medo à liberdade”.

No Brasil, uma remissão no autoritarismo caracterizada por mais de trinta anos de democracia não impediram que, juntamente com condições políticas, econômicas e sociais, o discurso autoritário voltasse a circular em todas as camadas sociais, encontrando adeptos entre jovens, velhos, pobres, classe média e ricos e também entre mulheres e outras minorias, conforme verificou-se na pesquisa de Lima et. al (2020).

Por fim, a conclusão é que tais textos tratam de temas complexos, voltados à psicologia e à sociologia, constituindo importantes teorias e estudos para ambas as áreas, embora originalmente publicados em 1941 e 1950, conversam diretamente com a atualidade, principalmente diante da identificação de uma simpatia, de parcela da sociedade, pelo autoritarismo no Brasil contemporâneo.

5 REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Estudos sobre a Personalidade Autoritária**. Trad. Virgínia Helena Ferreira da Costa, Francisco Lopez Toledo Corrêa, Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Editora UNESP, 2019.

CARONE, Iray. A Personalidade Autoritária Estudos Frankfurtianos sobre o Fascismo. **Revista Sociologia em Rede**, v. 2, p. 14-21. 2012. Disponível em <https://www.usfx.bo/nueva/vicerrectorado/citas/SOCIALES_8/Sociologia/97.pdf> Acesso em 07 jul. 2021.

FROMM, Erich. **O medo à liberdade**. 9 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974.

LIMA, Renato Sérgio de et al. Medo da violência e adesão ao autoritarismo no Brasil: proposta metodológica e resultados em 2017. **Opinião Pública**. v. 26, n. 1, p. 34-65. 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1807-0191202026134>> Acesso em 21 jul. 2021.

MACIEL, Fabrício. A patologia da normalidade: Erich Fromm e a crítica da cultura capitalista contemporânea. **Sociologias**. v. 22, n. 55, p. 262-288. 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/15174522-95752>> Acesso em 7/07/2021.

MOGENDORFF, Janine Regina. A Escola de Frankfurt e seu legado. **Verso e Reverso**. v. XXVI. n. 63. p. 152-159. 2012. Disponível em: <<http://www.revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/ver.2012.26.63.05/11>> Acesso em 15/08/2021.

PUCCI, B. A personalidade autoritária no Brasil em tempos de neoliberalismo e de coronavírus. Dossiê: “Consequências do bolsonarismo sobre os direitos humanos, a educação superior e a produção científica no Brasil”. **Revista Eletrônica de Educação**, v.14, jan./dez. p.1-17. 2020. Disponível em <<http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/4538/1174>> Acesso em 7 jul. 2021.

SOUZA, Jessé. **A Elite do Atraso: Da Escravidão a Bolsonaro**, Rio de Janeiro: Editora Estação Brasil. 2019.

STOPINNO, Mario. verbete “Autoritarismo”, **Dicionário de Política**. Norberto Bobbio, Nicola Matteucci, Gianfranco Pasquino. [Organizadores]. Brasília: UnB. 1991.

VIANA, Nildo. Fromm crítico de Freud. **Revista Espaço Acadêmico**. n. 110, julho de 2010. p. 41-50. 2010. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/viewFile/10501/5776>> Acesso em 07 jul. 2021.